

**OS OFÍCIOS NO MUNDO DO TRABALHO CONTEMPORÂNEO:
resistências e transformações**

***CRAFTS IN THE WORLD OF CONTEMPORARY WORK:
resistances and transformations***

Leonardo José Ostronoff*

Fernando Salla**

BARONE, Rosa Elisa Mirra; APRILE, Maria Rita (org.). **Ofícios e saberes: permanências, mudanças e rupturas no mundo do trabalho.** Curitiba, Appris, 2019.

Resumo

Ofícios e Saberes no Mundo do Trabalho Contemporâneo é uma coletânea organizada por duas professoras experientes na temática do trabalho que conta com a colaboração de diversos autores e do resultado de suas pesquisas. Escapando das tradicionais análises das fábricas, bancos e outros ramos centrais da atividade econômica, o livro discute um objeto pouco explorado nos estudos acadêmicos: o trabalho artesanal. Foram apresentados os seguintes ofícios: telegrafista, alfaiate, costureira, sapateiro, curtumeiro, ceramista, marceneiro, ladrilheiro, amolador de facas, parteira. Uma pluralidade e heterogeneidade que se conecta na resistência ao mundo industrial, tanto na ousadia em não aceitar o controle do tempo taylorista, quanto em continuar realizando um trabalho em que a habilidade manual e a criatividade são exigidas. Dessa maneira, não versa sobre a produção capitalista em larga escala, ao contrário, retrata um aspecto residual a ela, apresentando, através das memórias dos trabalhadores de ofícios artesanais, como resistem à lógica do capital na própria realização do seu trabalho. A coletânea é uma contribuição importante para as reflexões no terreno da Sociologia do Trabalho, abordando desde os aspectos objetivos das atividades laborais, como também os efeitos subjetivos das relações de trabalho no exercício dos ofícios. Os textos desta coletânea fazem um registro das profundas alterações pelas quais muitas ocupações e ofícios abordados foram passando ao longo do tempo; conceito fundamental que percorre o livro todo.

Palavras-chave: Trabalho artesanal. Tempo. Identidades. Culturas.

Abstract

Crafts and Knowledge of Contemporary Work is a collection organized by two experienced teachers on the theme of work that has the collaboration of several authors and the results of their research. Escaping the traditional analyzes of factories, banks and other central branches of economic activity, the book discusses an economic object little explored in academic studies: artisanal work. The following crafts were presented: telegraphist, tailor, seamstress, shoemaker, tannery, ceramist, joiner, tiler, knife sharpener, midwife. A plurality and heterogeneity that connects in the resistance to the industrial world, both in the boldness in not accepting the control of Taylorist time, as in continuing to carry out a job where manual skill and creativity are required. In this way, it does not deal with capitalist production on a large scale, on the contrary, it portrays a residual aspect to it, presenting through the memories of the workers of artisanal crafts, how they resist the logic of capital in carrying out their work. The collection is an important contribution to the reflections in the field of Sociology of Work, addressing from the

* Sociólogo, possui pós-doutorado, doutorado e mestrado em Sociologia pela USP e é pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência (NEV-USP). E-mail: leonardo_ostronoff@yahoo.com.br

** Sociólogo, doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo e pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência (NEV-USP). Autor do livro *O Trabalho dos Presos e a Privatização das Prisões* (Brazil Publishing, 2020). E-mail: fersalla@gmail.com

objective aspects of work activities as well as the subjective effects of labor relations in the exercise of crafts. The texts in this collection make a record of the profound changes that many occupations and crafts covered have been passing through time, a fundamental concept that runs through the entire book.

Keywords: Artisanal work. Time. Identities. Cultures.

A Sociologia do Trabalho é, sem dúvida, uma das mais tradicionais áreas de conhecimento especializado nas Ciências Sociais, sofrendo muitas transformações nas últimas décadas. Não obstante a importância que o mundo do trabalho continua a ter na vida econômica e social, houve um considerável deslocamento nos temas de investigação nas Ciências Sociais e novas agendas de pesquisa se formaram, talvez por conta das mudanças políticas decorrentes dos movimentos de 1968, talvez pela emergência de movimentos sociais e mudanças nos tradicionais atores, como os sindicatos e os partidos políticos, talvez pela queda do mundo soviético e socialista, enfim, talvez por tantas e tantas transformações nas formas de sociabilidade e comunicação social. Certo é que a chamada reestruturação produtiva, a intensificação dos processos de internacionalização da economia, os novos padrões de comunicação reconfiguraram o mundo do trabalho. Alterações advindas da inteligência artificial (IA), da robótica, da internet das coisas, dos veículos autônomos, da impressão 3D, da nano e da biotecnologia, são algumas das inovações que causaram e causam impactos que transformam pessoas e organizações, agravando o isolamento e a exclusão de amplos setores da sociedade.

No entanto essas novas formas de organização das linhas de montagem, das empresas, dos processos produtivos, em escala local e mundial, não eliminaram o interesse dos pesquisadores pela relevância do trabalho, dos trabalhadores e suas condições de vida e trabalho, mas, por certo, tais preocupações estão mais diluídas e coexistem com uma pluralidade considerável de temas contemporâneos como a violência, as relações de gênero, a criminalidade, a retomada do pensamento religioso, as novas formas de organização familiar, novos atores políticos etc.

É em meio a esse cenário que tem relevância o livro “Ofícios e Saberes”, coletânea organizada por duas professoras experientes na temática do trabalho. Motivadas por esse turbilhão de mudanças que têm afetado o mundo do trabalho, colocaram-se o desafio de trazer para os leitores um painel sobre alguns ofícios. Não se propuseram a produzir uma obra que abrangesse um infindável número de ofícios, existentes ou extintos, mas, por meio da colaboração de diversos autores que assinam os capítulos, buscaram evocar, descrever, rememorar as condições em que se encontram alguns deles.

O objetivo declarado, portanto, da obra é resgatar e registrar trajetórias profissionais fundadas em ofícios, através de relatos de experiências e desafios enfrentados pelos respectivos trabalhadores de cada um deles. A metodologia usada pelos autores dos capítulos foi a pesquisa bibliográfica e documental, complementada por informações de pesquisa de campo (entrevistas e relatos), bem como, aspectos das memórias dos sujeitos. As organizadoras afirmam que os relatos foram centrais, pois traduziram histórias de vida e revelaram aspectos valorizados pelos próprios trabalhadores.

Como toda obra coletiva, tratando de ocupações, personagens, situações de trabalho bem diferentes, o livro poderia se tornar um aglomerado de textos disformes, mas as organizadoras tentaram dar um tom de alinhamento para os autores, no qual se identifica a preocupação de todos de fazer um resgate histórico dos ofícios tratados, as condições atuais em que se encontram, as relações que mantêm com os processos de modernização que atingem a economia, os processos de aprendizagem e ainda um pouco das percepções e da memória de profissionais que exerciam os ofícios.

Na verdade, o livro traz a discussão de um objeto pouco explorado nas Ciências Sociais: o trabalho artesanal. A proposta sem dúvida soa interessante aos pesquisadores, estudiosos e até mesmo ativistas políticos, envolvidos nas discussões do tema trabalho. Há uma considerável pluralidade de temas e abordagens nos diversos capítulos do livro quanto ao arcabouço teórico para tratar das novidades no mundo do trabalho. O sociólogo Ricardo Antunes (2005), entre outros, tem constatado e analisado as profundas dimensões pelas quais têm passado as relações laborais nas últimas décadas, sobretudo a partir dos anos 1990 e que, sem dúvida, servem de pano de fundo para o que se passa com os ofícios.

Uma referência presente para as autoras é o livro de Richard Sennett (2009) que mergulha profundamente nesse terreno da relação do artesão, do artífice com o seu fazer, com a sua obra. A utilização desses dois autores, Sennett e Antunes, tão diferentes em suas perspectivas teóricas e metodológicas, já é uma primeira provocação do livro que vale destacar. Desde esse momento, fica claro ao leitor que não se trata de uma obra que se encaixa facilmente nos temas clássicos de uma Sociologia do Trabalho, mas enfrenta o pouco considerado tema dos “ofícios”, ou seja, das atividades ancoradas no saber-fazer, ainda remanescentes num ambiente capitalista cada vez mais industrializado, automatizado, e que produz cada vez mais trabalhadores destituídos de habilidades, relegados às condições mais ínfimas de trabalho, como têm apontado os autores que analisam o chamado “precariado” (STANDING, 2014)

As organizadoras do livro não impõem ao leitor uma concepção do que seja um ofício, permitindo uma verdadeira inquietação epistemológica através dos capítulos. Nesse sentido, o livro trata de uma questão que atravessa áreas variadas de conhecimento como a Sociologia do Trabalho, a Sociologia das Profissões e a Sociologia Econômica. A tentativa de encaixar em áreas da Sociologia talvez seja o menos importante para a obra, a contribuição que se destaca é a de preencher uma lacuna deixada pela concentração de estudos com foco na fábrica e nos trabalhadores industriais.

Depois de um capítulo introdutório feito pelas organizadoras que baliza as diretrizes da coletânea, e antes de tratar especificamente dos ofícios, o segundo capítulo do livro, “Ofícios e Saberes na História dos Artífices da Bahia do século XIX”, traz uma abordagem histórica quanto aos artífices na Bahia do século XIX. Não se trata de mera curiosidade, mas de um resgate de como os ofícios eram tratados em nossa história colonial e imperial a partir dos dispositivos sociais e sobretudo legais herdados de Portugal. Em que pese a influência das matrizes portuguesas nesse

terreno, é importante notar que “dentre as várias particularidades entre os dois sistemas, uma sobressai: a mão de obra dos ofícios no Brasil foi majoritariamente negra” (p. 29).

Esse traço essencial das corporações que existiram no século XIX na Bahia também expressava muito da organização mesma da sociedade e suas relações de dominação. É interessante que os ofícios mecânicos somente se estabeleceram graças à mão de obra escrava, com os “negros de ganho”, que eram os escravos que tinham licença para trabalhar, dividindo seus lucros com os senhores. No capítulo, a autora mostra como se fez presente o preconceito para com o trabalho manual na sociedade soteropolitana. Embora os negros cativos não pudessem exercer ou sequer aprender o trabalho mecânico, isso no papel, na prática o realizavam. Essa situação criou uma associação do trabalho mecânico com os negros, gerando um menor status para esse tipo de trabalho. Aos brancos, era reservada uma garantia de educação formal e empregos públicos através da cor da pele. Enquanto os artífices brancos queriam formar filhos doutores, os negros queriam assegurar a transmissão do ofício por gerações, uma clara intenção de precaução contra barreiras que o jovem iria ter que ultrapassar ao buscar profissões liberais. Em boa medida, essa condição dos negros no trabalho manual, artesanal, só seria alterada com a forte presença dos imigrantes, sobretudo europeus, a partir do final do século XIX.

Foram abordados, no livro, os seguintes ofícios: telegrafista, alfaiate, costureira, sapateiro, curtumeiro, ceramista, marceneiro, pedreiro, ladrilheiro, amolador de facas, parteira. Como se pode notar, estão reunidos ofícios que poderiam ser considerados tradicionais (como os alfaiates, os sapateiros, os ceramistas, os marceneiros etc.) e outros que ocupam ou ocuparam uma condição menos reconhecida como um ofício (curtumeiro, amolador de facas, parteira). É essa pluralidade de trabalhadores, em condições muito distintas, não só no passado como também no presente, que nos incita a uma verdadeira viagem pelo mundo do trabalho, num percurso que avança sobre condições de trabalho bastante heterogêneas.

Mas não é de um mundo do trabalho da fábrica, da produção em grande escala, de que tratam os textos, e sim de um mundo quase que residual, formado por ofícios, por habilidades artesanais nas quais os trabalhadores ou artesãos ainda tinham uma relação com o seu fazer, suas habilidades, seus objetos que foram gradativamente sendo solapados pelos processos industriais, pelas inovações tecnológicas, pela reorganização do mundo produtivo.

Como vários capítulos mostram, não se trata apenas de reconfigurações materiais, de deslocamentos de espaços de trabalho, divisão de tarefas, por vezes, perda de habilidades roubadas pelas máquinas, transferidas para o capital morto, mas também de subjetividades que tiveram que se recompor, se refazer. São os telegrafistas que desaparecem completamente no mundo das novas formas de comunicação e só restam as memórias cada vez mais distantes e melancólicas dos remanescentes operadores. São os alfaiates que constatarem o esvaziamento de seus ateliês por parte dos homens que agora frequentam as lojas de roupas prontas, produzidas em escala industrial, desfilando os modelos cada vez mais padronizados. O longo aprendizado e o acúmulo de experiência no seu fazer, que imprimiam um toque pessoal na roupa e na

relação do alfaiate com o seu cliente, se ainda existem, não deixam de proporcionar um certo gosto amargo de um passado que foi mais generoso do que tem sido o presente. São os muitos ceramistas que ainda conservam um fazer que se aproxima da produção artística, da peça única que traz impressa a marca de sua autoria, que enfrentam a concorrência, as investidas de um neotaylorismo que move, por exemplo, a indústria chinesa de cerâmica.

Percorrendo os vários capítulos se constata que esse mundo dos ofícios, do artesão que possuía autonomia de trabalho, de ganho, de organização da vida, de produção de uma subjetividade estreitamente ligada ao seu universo quase que particular da oficina, é um mundo que está sendo solapado pelos processos industriais, reorganizado pelos instrumentos, pelos novos materiais, pela concorrência do mercado. Muitos desses ofícios não desapareceram, mas passaram a ter uma sobrevivência difícil quanto à autonomia e, em geral, os profissionais estão sendo engolidos, tragados para a condição de trabalhadores assalariados. É emblemático o caso dos sapateiros. O capítulo que trata deles mais falou de operários que trabalham nas fábricas de calçados como assalariados, nas linhas de montagem, do que propriamente de sapateiros, enquanto artesãos que sabiam e realizavam o processo de produção completo de um calçado, de preparação de um solado para remendar ou de um salto para ser colocado.

Com o esvaziamento de muitos ofícios, com o desaparecimento de muitos ateliês e oficinas, com a incorporação de muitos dos antigos artesãos ao mundo das fábricas, não foram apenas subjetividades desses trabalhadores que se dissiparam, mas foi também perdida uma dose de relações sociais primárias, de territorialidades como referência para a vida das pessoas: não há mais o sapateiro do bairro, o alfaiate que todos conheciam, a costureira que fazia os vestidos das moças e as roupas das crianças, o pedreiro que havia construído muitas casas na localidade, o marceneiro que de sua oficina fazia exalar o forte cheiro de serragem que todos do bairro sentiam. Se não foram arrastados para o chão das fábricas, muitos destes trabalhadores viraram empregados de lojas de roupas ou de empresas franqueadas que prestam serviços de costura ou de sapataria, por exemplo.

O tempo, um tema clássico dos estudos sobre o trabalho, percorre o livro todo. Emerge, por exemplo, quando se menciona no primeiro capítulo a permanência do taylorismo como forma de organização do trabalho. A marca que define o taylorismo ao longo da história é o controle rígido dos tempos e dos movimentos, controlando os corpos nas fábricas. Para além disso, o taylorismo tornou-se um paradigma de organização da vida durante o período do capitalismo industrial, podendo ser observadas sobrevivências até hoje (HARVEY, 1993). A partir do trabalho industrial, organizou-se um modo da vida social em que o dia passou a ser todo racionalizado, calculado, pensado através de métricas.

Ao ter como tema central o ofício, o trabalho artesanal, o livro problematiza um objeto que escapa ao controle do taylorismo, pois, diferente do operário, o artesão é dono do seu tempo de trabalho. Nesse sentido, não há como deixar de lembrar as lições de Thompson (1998) quanto à passagem do trabalho no âmbito das antigas corporações de ofício para o interior das fábricas

e a submissão dos trabalhadores a uma nova disciplina do tempo, a novas formas de divisão do trabalho, supervisão, controle de horário etc. Se, ao longo do tempo, se desenvolveram inúmeros sistemas de gerenciamento do trabalho, por meio, sobretudo, de tecnologias de controle dos trabalhadores nas fábricas – e nas empresas de modo geral –, de certa maneira, o trabalho artesanal representa uma contraposição não somente ao trabalho fabril, mas a todo um sistema que gere a vida, sobretudo quanto ao controle do próprio tempo de trabalho.

A característica de ser dono do próprio trabalho é um dos traços principais da identidade do ofício de artesão, ou mesmo, nas palavras de Sennett (2009), do “artífice”. O seu saber-fazer está diretamente relacionado ao fato de não estar debaixo de um controle rígido do tempo, ao contrário, seu trabalho necessita de uma outra forma de pensar e agir que, por sua vez, foge a uma racionalização da gerência científica. O “ser artesão” tem como exigência uma fuga ao processo de racionalização de trabalho imposto pelo taylorismo, uma resistência que exige um outro estilo de vida que não aquele do operário fabril. Portanto, também podemos inserir a obra abordada por esta resenha dentro do conjunto de pesquisas que alcança um mundo do trabalho para além da fábrica (SANTANA; RAMALHO, 2004).

O livro expõe, assim, essas encruzilhadas em que se encontram os ofícios ali tratados. Um certo pessimismo e uma certa nostalgia se apresentam nas falas dos trabalhadores face a um mundo do trabalho que se refaz com velocidade alucinante, que esvazia inclusive o aprendizado no local mesmo do trabalho, no contato pessoal do oficial com o aprendiz, em favor de agências especializadas, formais, que legitimam o exercício dos ofícios. Diante de tais mudanças – que o avanço do capitalismo tem tornado avassaladoras para os ofícios, para o trabalho artesanal, para o trabalhador que possua autonomia no seu saber-fazer, controle sobre o processo completo de produção, apontando para um futuro incerto – o livro é instigante pelas possibilidades de resistência, de sobrevivência, de alguns desses e de outros ofícios.

É certo que uma coletânea que reúne diversos autores escrevendo sobre ofícios, artesãos, sobre habilidades de trabalho tão diversas, não poderia deixar de apresentar também nuances na profundidade e alcance dos textos. Um dos capítulos que proporciona ao leitor uma verdadeira imersão em um ofício bastante desconhecido é o que trata da produção dos azulejos hidráulicos. Ainda na atualidade, os processos de confecção desses objetos são bastante artesanais, dotados de etapas que não se alteraram há décadas. Os modernos processos de produção industrial que competem com essa produção parecem não conseguir, no entanto, substituir, apagar o encanto que tem um azulejo hidráulico produzido artesanalmente. Esse capítulo, assim como o que trata dos ceramistas, é o que mais traz à tona os conflitos, os impasses entre uma produção de larga escala, padronizada, anônima, impessoal, proporcionada pela mecanização do trabalho, pela indústria, e a produção artesanal, em que reside alguma impressão de personalidade no resultado do trabalho.

Os capítulos também despertam o interesse em torno da reflexão sobre a presença feminina nos ofícios. Os que foram tratados no livro mostram uma presença historicamente

modesta das mulheres ou quase que confinada à condição das costureiras, das parteiras. Sua presença é quase que inexistente entre pedreiros, alfaiates, azulejistas, sapateiros, curtumeiros, marceneiros. Em alguns casos, o processo de industrialização, além de esvaziar a oficina, o ofício, o artesanato, remodelou a produção e incorporou as mulheres, como foi o caso da indústria de calçados, ainda que na condição de trabalhadoras assalariadas e sem necessariamente as habilidades que se referiam ao ofício de sapateiro enquanto artesão, que provia seu sustento de forma autônoma.

Se muitos dos ofícios que foram objeto de reflexão trazem essa marca de uma forte presença masculina, isso não significa que não existam outros tantos que tenham uma presença das mulheres. Nesse sentido, o livro motiva outros pesquisadores a refletir sobre os muitos ofícios, formas de trabalho artesanais, a partir de um recorte de gênero. Basta lembrar as quituteiras nos cenários urbanos do século XIX (DIAS, 1995) ou então a forte presença pelo Brasil afora das rendeiras, bordadeiras, das que fazem bijuterias com os mais variados materiais.

Além de todas as inquietações intelectuais que o livro possibilita, o leitor tem reunidas imagens, fotografias, obras de arte (há excelentes telas como de Tarsila do Amaral, Fernando Botero) sobre os locais de trabalho, sobre o resultado do trabalho dos artesãos e representações desses trabalhadores que emprestam ao livro uma certa leveza, talvez um certo alívio depois de convivermos pelo menos por algum tempo e à distância com essas vidas, com esses trabalhadores pertencentes a ofícios que foram extintos, a ofícios que permanecem – mas foram reorientados – e a ofícios que a duras penas continuam presentes.

Por fim, a contribuição aos estudos sobre o trabalho é notória, pois o livro traz um conjunto de pesquisas sobre o trabalho artesanal, objeto pouco explorado na área. A obra apresenta a própria dificuldade que é fazer pesquisa sobre esse objeto, uma vez que pouco se investiga sobre ele. Dessa maneira, as autoras tiveram ousadia ao organizarem um livro que reúne pesquisas que contribuem de forma criativa ao tema do trabalho em nosso país.

Referências

- ANTUNES, Ricardo. **O caracol e sua concha**: ensaios sobre a morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. Paulo: Edições Loyola, 1993.
- SANTANA, Marco Aurélio; RAMALHO, José Ricardo (org.). **Além da fábrica**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- SENNETT, Richard. **O artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- STANDING, Guy. **O precariado**: a nova classe perigosa. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Recebido em 12/05/2020

Aceito em 04/06/2020